

Controle operário e formação de trabalhadores no chão da fábrica.

Jaqueline Rodrigues da Silva

GT 3: Controle Operário e Autogestão

Resumo:

Este trabalho tem como ponto de partida os significados do “controle operário sobre a produção” no atual momento histórico em que a reestruturação produtiva, relativa ao regime de acumulação flexível, combina-se com o avanço tecnológico e o desemprego estrutural, os quais têm retirado dos trabalhadores o direito ao trabalho, expulsando-os, em parte, da fábrica. Não se tratando de um contexto de revolução social, o controle operário sobre a produção apresenta-se, a priori, como uma estratégia para resistir ao desemprego e, assim, manter os postos de trabalhos. Na luta pela sobrevivência os trabalhadores ocupam o chão-da-fábrica, tomando posse dos meios de produção. O presente projeto de pesquisa está sendo desenvolvido no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal Fluminense, no campo de confluência Trabalho e Educação. Nesse sentido, optamos por analisar o movimento da Flaskô Industrial de Embalagens Ltda, situada no interior de São Paulo na cidade de Sumaré. Partindo da contradição capital-trabalho e da relação trabalho-educação temos várias questões a refletir sobre o caso de ocupação da Flaskô. No entanto, uma problemática se apresenta como significativa e central para a pesquisa: dentro dos limites do sistema do capital, *em que medida a Flaskô, fábrica ocupada, sob controle operário contribui para o processo de formação de trabalhadores que numa perspectiva Gramsciana, os trabalhadores possam se tornar governantes de si, do seu trabalho e dos rumos da sociedade?*

“Eu despedi o meu patrão. Ele roubava o que eu mais-valia (...) e eu não gosto de ladrão. (Zeca Balero).”

Porque pesquisar a Flaskô?

Este trabalho tem como ponto de partida os significados do “controle operário sobre a produção”¹ no atual momento histórico em que a reestruturação produtiva, relativa ao regime de acumulação flexível, combina-se com o avanço tecnológico e o desemprego estrutural, os quais têm retirado dos trabalhadores o direito ao trabalho, expulsando-os, em parte, da fábrica. Não se tratando de um contexto de revolução social, o controle operário sobre a produção apresenta-se, a priori, como uma estratégia para resistir ao desemprego e, assim, manter os postos de trabalhos. Na luta pela sobrevivência os trabalhadores ocupam o chão-da-fábrica, tomando posse dos meios de produção.

¹ No sentido amplo do termo podemos dizer que é o momento em que os trabalhadores tomam posse dos meios de produção e começam a gerenciar a fábrica.

O presente trabalho de pesquisa está sendo desenvolvido no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal Fluminense, no campo de confluência Trabalho e Educação. Inicialmente, pretendíamos investigar as regulamentações das profissões e as suas contradições no mundo do trabalho. No entanto, no decorrer das aulas do mestrado fomos motivados a desenvolver essa nova temática. O desejo de mudar o objeto se deu, também, por minha aproximação, desde a graduação, com os movimentos sociais. Neste ínterim, é sabido que a militância tem como objetivo contribuir para a construção de uma nova sociedade, onde não haja mais a exploração do homem pelo homem². Não obstante, apesar da mudança do objeto, o cenário de fundo continua sendo mesmo, o modo de produção capitalista e a contradição capital/trabalho.

Nesse sentido, optamos por analisar o movimento da Flaskô Industrial de Embalagens Ltda³, situada no interior de São Paulo na cidade de Sumaré. A Flaskô foi criada em 1977 e, segundo Josiane Verago (2010), em 1980 conseguiu concentrar cerca de 600 funcionários, passando a ser a empresa que melhor remunerava os trabalhadores na região.

Atualmente a Flaskô é uma fábrica ocupada e que há sete anos os trabalhadores têm trabalhado no sentido de estatizá-la. Em média, 70 trabalhadores mantêm a produção e promovem uma campanha contínua pela estatização da fábrica. A fábrica produz principalmente bombonas, tambores grandes, geralmente de cor azul com capacidade de cerca de duzentos litros, utilizados para armazenamento de cosméticos, alimentos, defensivos agrícolas e produtos químicos. Em suma, a indústria trabalha com modificações de plásticos no setor de embalagens.

A ocupação na Flaskô surge depois que duas fábricas em Joinville-SC, *Cipla* e *Interfibra*, viveram o processo de ocupação. Estas fábricas, segundo o documento de Criminalização do Movimento das Fábricas Ocupadas⁴ (2009), passaram anos sem pagar os impostos e direitos trabalhistas, o que causou o aumento da exploração dos trabalhadores.

As fábricas de Santa Catarina pertenciam ao mesmo dono: a família Batschauer, proprietária da Corporação Holding do Brasil (CHB), dona também da Flaskô. Esta condição facilitou o contato entre elas. Porém, cada fábrica com as suas particularidades no contexto de luta por seus direitos trabalhistas. As fábricas do Sul se encontravam em situação bastante delicada, já que, os trabalhadores contavam 3 meses sem salários, bem como alguns anos sem o depósito do fundo de garantia (FGTS). Com o processo de falência à vista e a ascensão dos movimentos sociais em 2003 – dada a vitória de Luís Inácio Lula da Silva (Lula) como presidente – os trabalhadores decidem ocupar as fábricas para manter seus postos de trabalho na esperança que o novo governo estatizasse as fábricas e, enfim, continuassem com seus empregos garantidos. Alguns meses depois, os trabalhadores da *Cipla* e *Interfibra* mobilizaram os trabalhadores da Flaskô que também passavam pela mesma situação de falência da Fábrica. No entanto,

² Quando abordamos a expressão do homem pelo homem é no sentido ontológico do termo, ou seja, nesse termo entendemos que as mulheres também estão incluídas nesse processo.

³ Mais informações <http://flasko.blogspot.com/>

⁴ Este documento foi elaborado pelos trabalhadores da Fábrica Flaskô, enquanto ferramenta de defesa contra a criminalização do movimento de fábricas ocupadas.

Lula se recusou a estatizar⁵ as fábricas, alegando que a forma cooperativa de organização seria a melhor alternativa para o Movimento.

Para Antunes (2010) as cooperativas nasceram como ferramenta de luta operária contra o desemprego e a rigidez do trabalho. Atualmente, tem-se um movimento de falsas cooperativas cooptadas pelo capital de forma reconfigurada para precarizar intensivamente os direitos trabalhistas. Para esse autor, “as cooperativas criadas pelas empresas têm, então, sentido contrário ao projeto original das cooperativas de trabalhadores, uma vez que são verdadeiros empreendimentos patronais para destruir direitos e aumentar ainda mais as condições de precarização da classe trabalhadora”. (ANTUNES, 2010, p. 15).

Em 2007 a *Cipla e Interfibra* sofreram o processo de intervenção,

Na manhã do dia 31 de maio de 2007, atendendo a um pedido do INSS (Ministério da Previdência) com falsa justificativa de cobrar dívidas dos antigos patrões, 150 policiais federais “armados até os dentes” invadem a Cipla e a Interfibra expulsando as Comissões de fábricas eleitas e dando posse a um interventor nomeado por um juiz federal. Um clima de terror é instaurado e uma “caça as bruxas” é iniciada. Hoje, mais de dois anos depois da intervenção, a luta contra a intervenção continua. Desde a ação em maio de 2007, mais de 400 trabalhadores já foram demitidos, voltaram as 44 horas semanais, acabaram todas as conquistas, o terror continua, nada foi resolvido e nenhuma dívida foi paga com o INSS.”(RELATÓRIOS DOS PROCESSOS DE CRIMINALIZAÇÃO, 2009).

Sete anos se passaram e a única fábrica que continua ocupada é a Flaskô, apesar da dificuldade que enfrentam no dia-a-dia. O movimento dos trabalhadores na Flaskô não se limita apenas ao interior da fábrica, ou seja, à esfera da produção. A Flaskô tem relação com alguns movimentos sociais, além de “*manter uma estreita relação com a comunidade local, promovendo diversas atividades culturais, esportivas, educacionais e sociais.*” (Idem). Podemos destacar as seguintes atividades:

“Diversas palestras e encontros, sessões de cinema, orientação jurídica gratuita, rádio comunitária, aulas de judô, futebol, vôlei (dentre outras atividades esportivas, todas realizadas em um espaço da fábrica especialmente adaptado para tal), campeonatos, diversos cursos de formação (políticas, educacional, técnica), shows, apresentações teatrais etc., envolvendo toda comunidade e cumprindo realmente uma função social da empresa, tornando a Fábrica Ocupada Flaskô

⁵ O atual governo do PT, cuja Presidente é Dilma Rousseff, continua com a mesma posição do governo Lula.

um espaço público e coletivo, de interesse de toda a população” (Ibidem).

Somado a essas atividades, a Flaskô participou ativamente do processo de ocupação do terreno no entorno da fábrica, que hoje tem aproximadamente 300 famílias alojadas na Vila Operária e Popular. Ainda, a Fábrica auxilia na regularização do referido terreno.

Na esfera da produção ainda não temos informações suficientes para afirmar como funciona o processo de trabalho no interior da fábrica ocupada. No entanto, temos conhecimento que a Fábrica reduziu a jornada de trabalho, que na época patronal era de 44 horas semanais. Hoje está em 30 horas semanais sem redução de salário. Esse aspecto é interessante, pois faz com que os salários fiquem muito acima da faixa salarial da região. De acordo com o Relatório dos processos de criminalização (2009) a fábrica é administrada de forma horizontal:

“Através de um conselho de fábrica eleito pelos trabalhadores, cuja atividade é subordinada às diversas Assembléias Gerais realizadas entre turnos, a pressão e o medo da gestão patronal foram completamente extintas. Sob controle operário o ambiente de trabalho torna-se prazeroso, sem hierarquias e sem patrões.” (RELATÓRIOS DOS PROCESSOS DE CRIMINALIZAÇÃO, 2009).

Apesar de todas essas conquistas na gestão e sua inserção na comunidade, a fábrica sempre passou por grandes dificuldades financeiras, muitas vezes, perto de “fechar as portas”. As dívidas deixadas pelos antigos donos são milionárias e são radicalmente exigidas para os trabalhadores. Em se tratando de um movimento de resistência que vem no sentido oposto à lógica capitalista de produção, várias são as tentativas de acabar com o movimento da Flaskô. *“Dezenas são as ações de execução de dívidas, leilões de maquinário, penhoras de faturamento, processos, cortes de energia (...) [...] Impedem o pleno desenvolvimento da fábrica e a estabilidade financeira de seus trabalhadores”*. (Idem).

Podemos afirmar que um dos fatores que impossibilitaram e ainda impossibilita a fábrica Flaskô em estabilizar-se é a dificuldade em obter créditos, os leilões e as penhoras. Dentro de todas as dificuldades apresentadas na ocupação, as dívidas da empresa eram – e são – as mais preocupantes, com os bens da fábrica todos penhorados, desde o terreno até o faturamento. São cerca de 500 processos, com uma dívida superior a oitenta e um milhões de reais. Esses fatores ameaçam constantemente o seguimento da ocupação, pois constantemente há ordens judiciais de recolher o maquinário para pagamento de algumas dívidas, alegando que a continuidade da fábrica era um erro. No entanto, existe resistência, por parte dos trabalhadores, em favor da continuidade da fábrica aberta. Para tal, brindam acordos com as partes para que o fechamento da fábrica não aconteça e prejudique o andamento da mesma. A situação da fábrica é delicada e

houve uma campanha junto a outros movimentos sociais para conseguir empréstimos junto ao BNDES (Banco Nacional do Desenvolvimento), uma vez que não há possibilidade de crédito junto a qualquer outra instituição financeira (RASLAN, 2007).

A maioria do patrimônio da fábrica é penhorada. A penhora desse patrimônio, principalmente do maquinário, tem sido a causa de diversos leilões.

Como a fábrica possui diversas dívidas contraídas pela gestão patronal, o procedimento de execução das dívidas leva ao leilão. O problema é que se houver arrematação de uma máquina, significa que essa máquina sairá da fábrica e a produção diminuirá o que levará progressivamente ao fechamento da fábrica. As dívidas foram contraídas pela gestão patronal são eles os responsáveis por elas. São eles que constam no contrato social da empresa, conforme mandamento legal. (RELATÓRIOS DOS PROCESSOS DE CRIMINALIZAÇÃO, 2009).

Além desses Leilões do maquinário da fábrica que significaram a tentativa de fechamento da Flaskô, outra dificuldade que a Fábrica vem enfrentando são penhoras de faturamento. De acordo com os relatórios dos processos de criminalização do Movimento das Fábricas Ocupadas, *“ao invés de penhorar uma máquina, penhora-se o faturamento, ou seja, a riqueza produzida, que é utilizada para o pagamento dos salários, energia, matéria-prima”* (Idem). Essa situação quando se agrava causa a suspensão das atividades da fábrica, já que os trabalhadores estariam produzindo para pagar dívidas que não foram contraídas por eles.

As penhoras de faturamento já ultrapassam 250%, o que, obviamente, se torna inexecutável. Hoje é a principal ameaça de fechamento da fábrica. Os argumentos para enfrentar as penhoras de faturamento são os mesmos dos leilões. Não devem os trabalhadores, que lutam por seus postos de trabalho “pagar a conta”. (Ibidem).

Diante de tantas dificuldades, a Fábrica foi seguindo sem empréstimos e sofrendo varias ações judiciais de Leilão e Penhora de faturamento. Por um tempo, conseguiu enfrentar as dívidas com ajuda de outras empresas a partir de esquema de notas “frias”. A situação se agrava cada vez mais com o atraso dos salários. Inclusive alguns trabalhadores ameaçaram greve, porém sem sucesso. Apesar desse conjunto de dificuldades enfrentadas, não apenas pela Flaskô, e sim por outras fábricas ocupadas, o governo venezuelano, sob a presidência de Hugo Chávez, ajudou as fábricas em troca de assessoramento técnico para implementação de plantas fabris na Venezuela. Assim, a empresa venezuelana deveria enviar polietileno de alta densidade para as três fábricas ocupadas brasileiras. Esta solução dada pelo governo venezuelano causou divergências dentro do movimento das fábricas ocupadas devido à posição política e partidária da direção deste movimento.

Assim, além de pensar na maneira de se organizar economicamente, os trabalhadores também se organizam politicamente para enfrentar os desafios colocados

pela “hegemonia capitalista”. Joseani Verago (2010) no seu estudo “Fábricas Ocupadas e Controle Operário: Brasil e Argentina (2002 – 2010)” parte do pressuposto de que:

(...) embora o processo econômico-produtivo das empresas administradas pelos trabalhadores esteja determinado por fatores econômicos externos, haveria outra dimensão destas experiências, aquela relativa ao processo político, que embora relacionado aos processos econômico-produtivos, por outro lado, não estaria necessariamente determinado pelos fatores econômicos externos, tendo maior grau de liberdade para ser influenciado, tanto pelo ambiente político quanto pela própria experiência política dos trabalhadores envolvidos (VERAGO, 2010, p. 17).

Em termos econômicos, o próprio Movimento de Fábricas Ocupadas reconhece que uma fábrica com 70 trabalhadores não ameaça em nada o modo de produção vigente. Mas se essa experiência passar a influenciar outras ocupações, isto poderá incomodar os “exploradores de mais-valia”. Nesse sentido, a classe dominante prefere combater o possível germe para não haver grandes preocupações no futuro. Claus Gerner⁶ (mimeo) também corrobora com a idéia do potencial político das ocupações de fábrica e acredita que se houver um movimento nacional das fábricas ocupadas que consigam antecipar a situação falimentar reduzindo assim as perdas dos trabalhadores, isto poderia causar um salto qualitativo naquele movimento. Em outras palavras, se o movimento conseguisse mapear as fábricas com sinais que vão entrar em falência preventivamente, os trabalhadores estariam mais seguros dos seus direitos e não teriam tanto esforço em reerguer a fábrica como os trabalhadores da Flaskô estão tendo.

Sem dúvida o processo de ocupação da Fábrica Flaskô tem sido uma grande experiência para aqueles que participam ativamente no dia-a-dia para manter a fábrica produzindo. Segundo Lia Tiriba “*é no cotidiano dos processos de produção da existência humana, nas diversas instâncias das relações sociais que os saberes vão se tecendo. Pelas experiências vividas e percebidas é que são construídos os saberes do mundo*” (TIRIBA, 2001). Partindo da contradição capital-trabalho e da relação trabalho-educação temos várias questões a refletir sobre o caso de ocupação da Flaskô. No entanto, uma problemática se apresenta como significativa e central para a pesquisa: dentro dos limites do sistema do capital, ***em que medida a Flaskô, fábrica ocupada, sob controle operário contribui para o processo de formação de trabalhadores que numa perspectiva Gramsciana, os trabalhadores possam se tornar governantes de si, do seu trabalho e dos rumos da sociedade?***

Outras questões precisam ser destacadas para se entender a realidade dessa fábrica. Como se dá o controle Operário na Flaskô? Que concepção de controle operário esses trabalhadores utilizam e praticam? Como se dá a organização no trabalho? Quais as experiências que os trabalhadores da Flaskô têm acumulado no decorrer do controle operário? É sabido que a realidade não se apresenta de imediato para nós, então

⁶ O título desse trabalho chama-se “Fábricas Ocupadas”. No entanto, ainda não foi publicado.

precisamos lançar “chuvas” de questões para tentar compreender a realidade concreta da fábrica, e é nesse sentido que tentaremos respondê-las.

Os Objetivos da pesquisa correspondem ao que queremos atingir para responder a nossa problemática. Diante da totalidade da realidade, devemos olhar para a mesma, tendo como foco principal o que queremos de fato extrair dela. Assim temos como objetivos 1: *Analisar os avanços, limites, desafios do processo de formação dos trabalhadores em uma fábrica sob controle operário, identificando as dimensões técnico-políticas da formação de trabalhadores e a aprendizagem de novas relações sociais de produção. Identificar elementos materiais e imateriais do processo de trabalho, destacando as relações que os trabalhadores estabelecem entre si; Analisar como o movimento da fábrica ocupada Flaskô se relaciona com outros movimentos sociais (locais, nacional e internacional); Identificar como a fábrica ocupada Flaskô pensa/organiza a formação dos trabalhadores. Apontar as possibilidades do Controle Operário para aquilo que Gramsci, Lênin, Marx e Engels chamavam de “Sociedade Regulada” ainda no modo de produção capitalista.*

Algumas considerações

Entendemos que, por mais revolucionário que possa ser o termo “Controle Operário”, não deixamos de nos remeter a Rússia revolucionária. Assim, compreendemos que:

- 1- O controle Operário atual, na Flaskô, está sob controle do capital;
- 2- No entanto, este Controle Operário está sendo exercido pelos trabalhadores, o que antes da ocupação era exercido pelos patrões.
- 3- Evidenciamos em alguns depoimentos que o nosso campo sinaliza um conjunto de aprendizados que estes trabalhadores estão conseguindo acumular no decorrer de sete anos de ocupação. (Aprendizados que não ocorreram na época patronal);
- 4- Logo, podemos dizer que o controle operário tem contribuído para formação de trabalhadores. Mas ainda não podemos afirmar em que direção essa formação está apontando.
- 5- Para tal constatação precisaremos voltar a campo e ao nosso referencial teórico para nos debruçarmos na nossa proposta de pesquisa.

Assim, tendo em vista a premissa do princípio educativo do Trabalho (Marx e Gramsci) e, a partir de uma das nossas categorias “formação de trabalhadores”, elencamos quatro espaços significativos da formação na Flaskô: a) processo de trabalho “boca da máquina”; b) Conselho de fábrica/Assembléias; c) Curso de formação; d) movimentos sociais e populares.

O campo está nos mostrando que a categoria *formação de trabalhadores*, a partir da relação entre trabalho e educação no chão-da-fábrica, será uma das categorias chave para o desdobramento de nossa pesquisa na Flaskô. Diante disso, ao retornarmos ao campo iremos fazer o recorte da realidade à luz dessa categoria.

REFERÊNCIAS

CRIMINALIZAÇÃO DOS MOVIMENTOS DAS FÁBRICAS OCUPADAS. Relatório dos processos de criminalização. Elaborado pelo setor jurídico da Flaskô, 2009.

GEMER, Claus. *A “Economia Solidaria”: Uma crítica com base em Marx.* Disponível em: <http://www.unicamp.br/cemarx/ANAIS%20IV%20COLOQUIO/comunica%E7%F5es/GT4/gt4m2c5.PDF>

_____. *Fábricas Ocupadas*(mimeo).

RASLAN, Felipe Oliveira. *Resistindo com Classe: O caso da ocupação da Flaskô.* Campinas SP- S/N, 2007.

TIRIBA, Lia. *Economia popular e cultura do trabalho: Pedagogia(s) da Produção Associada* Ijuí: Unijuí, 2001.

VERAGO, Josiane Lombardi. *Fábricas Ocupadas e Controle Operário: Brasil e Argentina (2002-2010). Programa de pós-graduação em Integração da América Latina.* Universidade de São Paulo, 2010.